

O TRABALHO EM COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBO E A CONDIÇÃO DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE: breves análises à luz da teoria marxiana

Anne Karoline Silva Fernandes¹Rafaela Araújo da Luz Miranda²Rogevandra Martins Portela de Oliveira³Vera Lúcia Batista Gomes⁴

RESUMO

Atualmente no Brasil o número de quilombolas se aproxima a dois milhões de pessoas, algo em torno de 130 mil famílias, distribuídas em todo território nacional. Considerar a condição das mulheres dentro desses espaços é uma perspectiva que urge em favor do avanço das políticas públicas para mulheres, especialmente das mulheres negras. Os objetivos deste estudo buscam: problematizar o trabalho das mulheres negras nas relações dentro das comunidades quilombolas na contemporaneidade e contribuir na inclusão das mulheres negras no debate das/e nas políticas públicas. O aporte teórico metodológico tomado foi o Materialismo Histórico Dialético. Os resultados apontaram que as comunidades quilombolas são territórios com forte avanço do capitalismo na contemporaneidade por meio de formas de trabalho que reproduzem a condição da mulher como subalterna e fundamental à reprodução social.

Palavras-chave: Comunidades Remanescentes de Quilombo. Mulheres Negras. Serviço Social.

ABSTRACT

Currently in Brazil, the number of quilombolas approaches two million people, something around 130 thousand families, distributed throughout the national territory. Considering the condition of women within these spaces is an urgent perspective in favor of advancing public policies for women, especially black women. The objectives of this study seek to: problematize the work of black women in relationships within quilombola communities in contemporary times and contribute to the inclusion of black women in the debate of and in public policies. The methodological theoretical contribution taken was

¹ Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará; Assistente Social, Mestranda em Serviço Social; akfernandes.mestrado@gmail.com.

² Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará; Assistente Social, Mestranda em Serviço Social; rafaelaluz91@gmail.com.

³ Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará; Assistente Social, Mestranda em Serviço Social; ROGEOVANDRA@gmail.com.

⁴ Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará; Assistente Social, Doutora em Serviço Social; veralucia@ufpa.br.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Dialectical Historical Materialism. The results showed that quilombola communities are territories with a strong advance os capitalism in contemporary times through forms of work that reproduce the condition of women as subaltern and fundamental to social reproduction.

Keywords: Communities Quilombo Remnants. Black Women. Social Work. .

1 INTRODUÇÃO

Este é um ensaio introdutório que ao tomar a teoria marxiana como mirante teórico metodológico, busca realizar uma leitura sobre o trabalho em comunidades remanescentes de quilombo e a condição da mulher frente às investidas do capital, tomando por exemplo duas expressões de relações de trabalho em comunidades quilombolas no Pará. Atualmente, no Brasil, o número de quilombolas se aproxima a dois milhões de pessoas, algo em torno de 130 mil famílias, distribuídas em todo território nacional. Considerar a condição das mulheres dentro desses espaços é uma perspectiva que urge em favor de que não se repita o apagamento histórico das mulheres na organização social e política destes espaços e em favor da consciência de classe coletiva e da emancipação humana.

Os objetivos deste estudo buscam: problematizar o trabalho das mulheres negras nas relações dentro das comunidades quilombolas na contemporaneidade, pois isto é entendido como pontapé inicial e de relevância para trazer visibilidade à condição das mulheres negras no mundo do trabalho numa sociedade tão excludente e desigual; bem como, contribuir na inclusão das mulheres negras no debate das/e nas políticas públicas. A problematização deste estudo é: qual a posição que as mulheres negras têm assumido nas novas formas de trabalho dentro de comunidades quilombolas na contemporaneidade?

Compreende-se o capitalismo como um sistema de produção fundamentado na exploração do homem (e da mulher), da natureza, na expropriação dos meios de produção e sustentado na produção de mais-valor; com essência fundamentalmente expansionista, racista e patriarcal; que por suas características peculiares precisa expandir para territórios que não estão sob seus domínios comerciais para que

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

assim possa continuar garantindo sua reprodução em escala mundial. Neste sentido, as mulheres são reconhecidas como base fundamental que garante a reprodução social ao sustentarem condições objetivas – sobretudo por meio do cuidado e dos afazeres domésticos - de vida aos trabalhadores, ao passo que, também são trabalhadoras. Sob a mulher negra recai opressão, ainda maior, por conta do racismo estrutural e do patriarcalismo da nossa sociedade, daí a necessidade de pensar a condição da mulher negra nas relações de trabalho, sob uma ótica de classes, que contribui na formação da consciência de classe que os trabalhadores precisam ter em favor da emancipação humana. Este trabalho encontra-se estruturado em quatro partes, a saber: a primeira se reporta a esta parte introdutória; a segunda faz referência a categoria trabalho na sociedade capitalista à luz da teoria marxista; a terceira trata sobre quilombos, mulheres e as relações de trabalho nestes territórios na contemporaneidade e a última parte trata das considerações finais.

2 O TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA: breves análises sobre a categoria à luz da teoria marxista

Importa-nos iniciar delimitando que o trabalho sempre esteve presente nas diversas formas de organização das sociedades, contudo, no capitalismo ele assume contornos muito específicos e até um novo sentido. No livro “O que é Ideologia” de Marilena Chauí (2008), a autora infere que o trabalho sempre esteve presente em sociedades pré-capitalistas, sempre sob a perspectiva de ser algo penoso, ruim, destinado a servos e escravos. Foi assim, na Grécia Antiga, na Roma Antiga e na Idade Média, por exemplo, em todas essas organizações sociais o trabalho era tido como indesejável e inadequado ao homem livre e bem posto na sociedade.

No capitalismo, por meio, sobretudo, da ideologia burguesa, o trabalho passa a ser voltado para a produção de mercadorias, passando, inclusive, a ser uma mercadoria e com isto, assume uma figura oposta daquelas encontradas nas sociedades anteriores ao capitalismo. Assume postura de dignificador da ação

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

humana, mas que na verdade é reificado. Por sua vez, o tempo de ócio, de contemplação e de descanso passou a ser considerado como sinônimo de preguiça, algo que, portanto, deve ser evitado (CHAUÍ, 2008).

Logo no início de sua obra *O Capital*, Marx (1989) tece suas análises sobre trabalho, mas, não antes de delimitar o que é mercadoria e a forma social da mercadoria no capitalismo, pois, é por meio dela que o capitalismo pôde se expandir mundialmente e se consolidar como modo de produção. Para Marx, sob o capitalismo tudo é uma enorme coleção de mercadorias, inclusive o próprio trabalho. No entanto, é relevante ressaltar que Marx não foi o primeiro filósofo a se debruçar na compreensão do sentido do trabalho, suas análises partiram de sua criticidade sobre as produções de Adam Smith, James Mill e David Ricardo, cronologicamente, sobre o tema.

Agora temos, portanto, que conceber a interconexão essencial entre a propriedade privada, a ganância, a separação de trabalho, capital e propriedade da terra, de troca e concorrência, de valor e desvalorização do homem, de monopólio e concorrência etc., de todo esse estranhamento com o sistema do dinheiro. [...]. Nós partimos de um fato nacional-econômico presente (MARX, 2008, p. 80).

Acerca das características, anteriormente, apontadas, destaca-se: uma é atribuída de fato à realização do homem, sendo que é por meio do trabalho que o homem pode satisfazer suas necessidades, pode se diferir dos demais animais da natureza, isto pela sua capacidade de projetar sua ação e imprimi-la na natureza a fim de satisfazer suas necessidades humanas – este é para Marx o trabalho concreto. Outra característica é o trabalho abstrato, esta forma só pode ser percebida em sociedades capitalistas, pois, é nesta sociedade que há o cultivo das relações capitalistas baseadas na troca. É por meio do trabalho abstrato que o valor de troca das mercadorias é estabelecido (MARX, 1989).

Desta forma é possível compreender por qual razão Marx pontua que no sistema capitalista o trabalho humano é convertido em mercadoria. Em outras palavras, todo trabalho humano produz um produto com valor de uso, o qual foi projeto para atender necessidades humanas concretas. No capitalismo, entretanto,

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

este produto é projetado não somente para atender à uma demanda humana, mas a de mercado. Neste sentido, o valor de troca que esta cadeira passa a ter difere do seu valor uso, e, dentre outros componentes, o fetiche que é criado em torno desta cadeira, de suas características e da necessidade de possuí-la, determina quão elevado será o valor de troca deste objeto. E daí é possível pensar o mais-valor que também lhe será imposto (MARX, 1989).

As mesmas reflexões são passíveis de serem feitas sobre a mercadoria força de trabalho. No capitalismo, o trabalhador já expropriado das condições para produzir, oferece tudo àquilo que lhe resta: a sua força de trabalho, num mercado, o mercado de trabalho. O capitalista por sua vez, paga ao trabalhador o valor que sua mercadoria “possui” e estabelecido sob a forma de salário. O salário por sua vez, é, somente, uma parcela daquilo que seria devido ao trabalhador, visto que, sua mercadoria força de trabalho proporciona ao capitalista um ganho excedente, além do salário que lhe foi pago – o lucro, obtido por meio da mais-valia.

O trabalhador expropriado passa a oferecer a única possibilidade que lhe resta para preservar sua subsistência e para atender às necessidades que, socialmente, lhe são impostas. Não podemos esquecer-nos das contribuições de Chauí acerca de ideologia, pois, por meio dela, o trabalhador passa a acreditar que tudo que sempre teve foi sua força de trabalho; é explorado quando realiza a venda dela, mas, ao mesmo tempo, como classe, não pode negar-se a vendê-la, pois, precisa de seu salário para arcar com as despesas que lhes são externas, mas que a ele foram socialmente colocadas.

Desta forma, para Marx, o trabalho na sociedade capitalista é fundamentado na exploração do homem pelo homem, ou melhor, na exploração da classe trabalhadora pela classe capitalista e desta forma, o capitalismo se expande e cresce, à medida que a classe trabalhadora quanto mais vende sua força de trabalho, mais empobrece. Neste ponto, é possível adentrar em outras categorias marxianas fundamentais para entender como se dá o trabalho nos moldes do capitalismo e como a desvalorização do trabalhador frente ao que produz acontece.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

O *estranhamento* do trabalhador em relação ao que ele próprio produz é uma dessas categorias, nas concepções de Lukács, trata-se do trabalho reificado. O produto do trabalho se defronta ao trabalhador como independente do produtor, “o produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, se fez coisa, é a *objetivação* do trabalho” Marx (2008, p. 80), a efetivação do trabalho é a sua objetivação. O produto fruto do trabalho passa ser estranho ao trabalhador e, cada vez mais, inalcançável em possuí-lo.

Em outra via, na mesma medida que o trabalho é objetivado, e o seu produto assume essa aparência de independência do trabalhador, o trabalhador passa a ser desefetivado do seu trabalho. “A objetivação tanto aparece como perda do objeto que o trabalhador é despojado dos objetos mais necessários não, somente, à vida, mas, também, dos objetos do trabalho” (MARX, 2008, p. 81). Neste sentido, o trabalho mesmo se converte em um objeto, o qual o trabalhador precisa alcançar com muitos esforços e, por meio dele, produz outros objetos; contudo, quanto mais objetos o trabalhador produz, tanto menos pode possuir e, mais ainda, se mantém sob o domínio do capital.

Compreender como funciona essa dinâmica do capitalismo, a partir do mundo do trabalho é fundamental, pois, é sobre a exploração da classe trabalhadora que o capitalismo se reproduz; ao passo que isto, também, possibilita pensar de que forma o modo de produção se espraia, em nível mundial; bem como, a organização do países e das regiões na divisão internacional do trabalho, em favor da reprodução social do sistema e, principalmente, como os trabalhadores são afetados, tornando-se alienados de seu trabalho, afastados daquilo que produziram.

3 QUILOMBO, MULHERES E AS RELAÇÕES DE TRABALHO CAPITALISTAS NA CONTEMPORANEIDADE

Os primeiros quilombos surgiram em meados do século XVI, formados fundamentalmente, por pessoas negras sequestradas da África com a finalidade de escravização e por seus descendentes, durante o Brasil colonial. Mas não só, pois, há vários relatos na literatura que apontam a presença de indígenas nestes espaços e também a existência de laços de fraternidade que contribuíram no conhecimento e

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



domínio da natureza local em favor da subsistência. Estes espaços possibilitavam em alguma medida, a liberdade da exploração e o cultivo da ancestralidade, da religião e da cultura dos negros. Hoje estes espaços representam a resistência negra frente à exploração e à voracidade do colonialismo do capital dos séculos passados, mas deste século também (IDESP, 2012).

É importante registrar que a relação que historicamente as populações tradicionais estabelecem com a terra e com a natureza é bem distinta das relações que a sociedade capitalista estabelece. Há uma organização da vida que conecta as pessoas aos saberes da terra, da natureza, dos animais e gera um sentimento de territorialidade e pertencimento, que resulta em uma coexistência respeitosa com os elementos da natureza (ANDRADE, 1995).

Contudo, um aspecto comum às ambas formas de organizações sociais é a presença feminina, marcada por suas lutas e resistências, mas, que nem sempre é visibilizada. A semelhança deste fato, talvez, seja devido às comunidades quilombolas não serem uma expressão dissociada do capitalismo e sim uma expressão dele mesmo; expressão da voracidade de um sistema patriarcal, sexista, racista e excludente: “As mulheres no decorrer da história dependeram e, ainda, dependem do marido na tomada de decisões, principalmente, no âmbito rural, onde a autoridade do homem é legitimada [...]” (MOTTA-MAUÉS, 1993, p.112).

Para Angola e Reis (2016), ao se falar de quilombos e da resistência que estes espaços representam, é necessário marcar o papel da mulher neles, visto que, estes nunca foram referência, apenas, masculina quanto à sua organização política, econômica e social. No trajeto da história, não há muitas referências de mulheres que exerceram diversos papéis que são importantes na história da resistência negra, o que não significa que elas não existiram. Algumas dessas mulheres, por vezes, “apagadas” da história são: Dandara, comumente apresentada como, simplesmente, esposa de Zumbi, que exerceu papel de protagonismo na luta quilombola e Tereza de Benguela que liderou um quilombo, no Mato Grosso, mas, nem sempre é reconhecida como tal.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A base da produção e reprodução das vidas em comunidades tradicionais tem no uso da terra e dos recursos naturais uma característica histórica. Nos quilombos, a subsistência se dava, fundamentalmente, por meio da caça, da pesca, da agricultura por meio das roças e da criação de animais. As trocas, também, existiam neste contexto, mas, com o foco na subsistência familiar, conforme é apontado nos registros de Andrade (1995). Nas atuais comunidades remanescentes de quilombo, essa forma de organização social do trabalho e da produção em favor da subsistência ainda bastante percebida contudo, é possível também constatar que atualmente há maior interação dessas comunidades em relações comerciais e de trabalho nos moldes capitalistas.

Quando mencionamos “maior interação dessas comunidades em relações comerciais e de trabalho nos moldes capitalistas”, a relação que se faz é a do trabalho não mais com a finalidade de subsistência familiar e comunitária, porém, como um produto convertido em mercadoria voltado às necessidades de mercado. A exemplo, pode se destacar o extrativismo da castanha-do-Pará que acontece em várias comunidades quilombolas do Pará, especialmente, no município de Oriximiná. Este trabalho demanda uma forte organização social e coletiva das comunidades para que nos períodos de safra os homens possam entrar nos castanhais e coletar o máximo possível do fruto para então, negociarem-no com aviadores e estes por sua vez, com empresas que beneficiam a castanha e chegam até a exportar o fruto enquanto as mulheres ficam em casa cuidando dos filhos e das casas (IDESP, 2012).

Outro exemplo, com expressão bem mais recente, que expõe, exatamente, a reflexão, anteriormente, apontada acontece, também, no município de Oriximiná-Pará, especificamente, na comunidade remanescente de quilombo Cachoeira Porteira - trata-se da pesca esportiva que vem sendo desenvolvida há cerca de 8 anos, ao longo do Rio Trombetas e tem atraído pescadores esportivos do país e do exterior para essa localidade. Ressalta-se que esta é uma prática esportiva de elevado custo monetário e que tem atraído grandes empresários que buscam

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

descanso de suas rotinas exaustivas sob os anúncios de “beleza natural”, “paraíso isolado às margens do rio” e como “fonte de emprego e renda para a comunidade” nas notícias de jornal. (<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/2020/12/18/riotrombetas-e-paraíso-isolado-da-pesca-esportiva.ghtml>, 2020).

A relação que, historicamente, a comunidade tem com o rio é a de pesca exclusiva para a subsistência. Com a implantação da Reserva Biológica do Rio Trombetas (REBIO Trombetas) na década de 1970, até mesmo as possibilidades de comercialização local do pescado foram descartadas e proibidas, conforme aponta a pesquisa elaborada pelo IDESP, (2012). Contudo, neste atual cenário apresentado, é possível perceber que, mais uma vez, os recursos naturais e a força de trabalho humano estão a serviço do capital.

Isso é perceptível tanto na expansão capitalista em territórios que, ainda, não lhe pertenciam, conforme analisa Luxemburgo (1985) acerca do expansionismo capitalista, ao afirmar que o capitalismo atua expropriando trabalhadores de suas condições de reprodução de vida e convertendo-os em trabalhadores despossuídos de meios de produção, possuidores, unicamente, de sua força de trabalho, a qual precisam disputar ferrenhamente a venda, quanto, por meio de certa reafirmação da posição social do Brasil e da região Amazônica na Divisão Internacional do Trabalho, como regiões funcionais à reprodução social do modo de produção.

Na obra “A acumulação do capital” de Rosa Luxemburgo (2009), é possível compreender teoricamente, a realidade vivenciada pelas mulheres remanescente de quilombos acima referida, o que a autora explicita sobre a “assim chamada acumulação primitiva”, em termos marxianos. Para Luxemburgo (1985), o movimento do capitalismo para que, inicialmente, pudesse acumular riqueza, não pode ser considerado necessariamente primitivo, pois, não ocorreu, apenas, no início do capitalismo, como um pontapé inicial do modo de produção e que deixou de existir ao longo da história. Na verdade, ainda hoje, o capitalismo por ser, essencialmente, expansionista, avança em territórios que, ainda, não havia

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

alcançado e precisa de condições e meios externos a ele para que possa se expandir, fagocitar, devastar e incorporar, por meio de formas que vão sendo articuladas no decorrer do tempo.

Quando trata da Luta contra a Economia Rural – capítulo XXIX da obra anteriormente referida, Luxemburgo (1985) reflete sobre como o capitalismo opera as suas investidas do frente à economia natural, devastando a economia rural e a direcionou para a produção industrial, como era conveniente para a manutenção do modo de produção daquela época:

Na economia rural, o artesanato desempenhou um papel importante como trabalho ligado à economia doméstica, acompanhado, sobretudo, do trabalho agrícola, nos períodos de folga, para satisfazer as necessidades domésticas. O desenvolvimento da produção capitalista extirpou da economia rural todos os setores existentes, para concentrá-los na maciça produção. Como exemplo típico, temos a indústria têxtil. (LUXEMBURGO, 1985, p. 343).

Partindo desta compreensão sobre a acumulação de capital e como ela se dá, espreado-se frente aos territórios alheios ao modo de produção, podemos refletir sobre como hoje, sob o discurso do *Desenvolvimento Sustentável* e do *Empreendedorismo*, as comunidades quilombolas e seus territórios estão vulneráveis ao expansionismo capitalista. Um aspecto que chama a atenção, neste sentido é sobre qual a posição da mulher nessas comunidades, considerando as formas de trabalho capitalistas que estão emergindo referidos territórios? Qual a função que tem sido destinada às mulheres em arranjos que envolvem, por exemplo, o turismo da pesca? Quem arruma as camas dos turistas e garante a organização das pousadas? Quem produz as marmitas que precisam ser levadas nos dias de pesca? Quem lava as roupas de cama e as roupas dos turistas?

Certamente, estas não são atividades desenvolvidas por pessoas do sexo masculino, menos, ainda, por homens brancos. Pelo que a própria história remonta, eram as mulheres, especialmente, as mulheres negras que nos contextos de escravização ficavam responsabilizadas pelos afazeres domésticos, como: organização das casas, lavagens das roupas e preparo de comidas, enquanto aos

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

homens, eram destinados os trabalhos externos. Na concepção de Mies (2022) é parte da história do capitalismo, como sistema patriarcal, a expropriação da mulher pelo homem e, então, a relegação às atividades necessárias para a reprodução social, como o cuidado com a casa e com os filhos, a elas.

Ainda para Mies (2022) não ocorreu uma apropriação primitiva do capitalismo sobre os meios de produção que lhe gerou riqueza, há, igualmente, uma expropriação da mulher sobre seu corpo e apropriação dele pelo homem, o que é fundamental para garantir a reprodução do sistema. Para Federich (2019) é necessário pensar a reprodução social como o ponto zero da dominação social e que é imposta sobre a mulher para poder pensar o machismo na sociedade capitalista e para compreender como o sistema encontra na submissão e exploração da mulher, sobretudo, nos trabalhos domésticos, as condições necessárias para garantir a sua reprodução. Neste sentido, a opressão da mulher, além de perpassar pela organização social de gênero está diretamente ligada à questão de classe.

Davis (2016) pontua mais, profundamente, que a compreensão da condição da mulher na sociedade capitalista precisa ser interseccional e considerar o gênero, a luta de classes e o racismo, em favor de mais direitos sociais. Para esta autora, o poder para a população negra, não pode ser o poder para o homem negro, mas, é necessário que a mulher seja pensada e incluída nisto, para que ela possa acessar os direitos que, historicamente, lhe são negados e para que ela não seja inscrita numa história que insiste em “apagar” a mulher, especialmente, as mulheres negras.

As organizações de esquerda têm argumentado dentro de uma visão marxista e ortodoxa que a classe é a coisa mais importante. Claro que classe é importante.

É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras. (DAVIS, 2016, p.18-19).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Sob esta ótica, é necessário pensar como a condição da mulher negra está posta em nossa sociedade, inclusive, nos espaços como as comunidades remanescentes de quilombo, dado seu caráter histórico de resistência. É possível perceber que os registros históricos não dão conta de expressar a participação de muitas mulheres negras, que findaram por ser invisibilizadas, bem como, os seus nomes e sua contribuição. Portanto, faz-se necessário que possamos discutir como as novas formas de trabalho que tem adentrado as comunidades tradicionais de modo geral e, em particular, as quilombolas que podem impactar os territórios, a fauna, a flora, a vidas das pessoas e, a vida das mulheres negras que vivem nessas comunidades; para que não se recaia na reprodução do erro histórico de “apagar” a existência e as necessidades dessas mulheres.

4 CONCLUSÃO

Este ensaio teve como anseios problematizar o trabalho das mulheres negras nas relações dentro das comunidades quilombolas na contemporaneidade bem como, contribuir na inclusão das mulheres negras no debate das/e nas políticas públicas. Considera-se que, embora, as comunidades quilombolas representem espaços ainda não dominados pela economia capitalista, são expressão da voracidade e da violência do capital, portanto, também sofrem rebatimentos das estratégias mundial adotadas por este para a acumulação da riqueza, tais como: o patriarcado, o racismo e o preconceito estrutural que historicamente as pessoas negras vivenciaram desde a formação deste país.

A partir destas considerações compreende-se um dos porquês do “apagamento” de muitas mulheres que compuseram as lutas dos negros frente à escravidão e frente aos direitos da população negra. Contudo, observa-se que, ainda hoje, apesar das muitas conquistas que já foram alcançadas com muitas lutas, há igualmente uma tendência ao “apagamento” da mulher, quer seja em suas demandas, quer seja em suas conquistas, e isto, não é um mero acaso. Esta é uma condição inerente ao modo de produção capitalista que, por ser essencialmente

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

patriarcal destina às mulheres. Contudo, compreender somente este aspecto da organização social nos moldes capitalistas, não dá conta de compreender a condição da mulher negra. É necessário pensar a realidade da mulher no capitalismo e a sua posição dentro da reprodução social, levando em consideração os vieses de gênero, classe e raça.

Com isto, considera-se de profunda relevância acadêmica e social pensar a condição da mulher negra, nos territórios quilombolas, a partir das novas formas de trabalho que tem surgido nas comunidades, para que assim se possa somar na construção da consciência de classe que os trabalhadores e trabalhadoras precisam ter em favor da emancipação humana. Aliás, nos cabe, igualmente, refletir quão novas essas formas de trabalho são? Será que a história não está assumindo uma nova roupagem e reproduzindo processos antigos de exploração e segregação, por meio da reprodução de papéis há tempos já determinados? Acredita-se que é preciso partir das inquietações para que possibilidades de resistência, em favor da justiça social surjam e para que articulem uma luta coletiva e não mais desta ou daquela parcela da população; sem perdermos o foco que estas são conquistas parciais à classe trabalhadora, que tem na Revolução Socialista uma resposta definitiva em favor da emancipação humana.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lúcia M. M. Os Quilombos Da Bacia Do Rio Trombetas: breve histórico.

Revista de Antropologia, v.38, n.1, 1995, p.79–99. Disponível em:

<http://www.jstor.org/stable/41616156>. Acesso em: 29 de Mar. de 2023.

ANGOLA, Catarina de; REIS, Mariana. **Quilombo como organização, luta e resistência das mulheres**. Terral Coletivo de Comunicação População, Recife, 2016. Disponível em:

<https://www.brasildefatope.com.br/2016/11/28/quilombo-comoorganizacao-luta-e-resistencia-das-mulheres>. Acesso em: 28 de Mar. 2023.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça, classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

HEINRICH, Michael. **Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna**: biografia e desenvolvimento de sua obra. Trad. Claudio Cardinali. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.

IANNI, Octavio. **Karl Marx**: sociologia. 4ed. São Paulo: Ática, 1984.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E AMBIENTAL DO PARÁ, IDESP. Secretaria de Estado de Meio Ambiente. **Relatório Técnico Científico para Identificação do Território da Comunidade Remanescente de Quilombo Cachoeira Porteira**. IDESP, Pará, 2012.

LUXEMBURGO, Rosa. **A Acumulação do Capital**: Contribuição ao Estudo Econômico do Imperialismo. Trad. Marijane Vieira Lisboa. 2ª ed. Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl. **Processo de trabalho e processo de produzir mais-valia**. In: **O Capital**: crítica da economia política. Livro I. Rio de Janeiro: Editora Bertand Brasil S.A., 1989.

_____. Jornada de trabalho. In: **O Capital**: crítica da economia política. Livro I. Rio de Janeiro: Editora Bertand Brasil S.A., 1989.

_____. Manuscritos Econômicos e Filosóficos. In: **O Capital**: crítica da economia política. Livro I. São Paulo: Editora Boitempo, 2008.

MIES, Maria. **Patriarcado & Acumulação do em escala mundial**: mulheres na divisão internacional do trabalho. São Paulo: Ema Livros e Ed. Timo, 2022.

MOTTA-MAUÉS. Maria Angélica. **Trabalhadeiras & camaradas**: relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. Belém: Gráfica e Editora Universitária/UFPA, 1993, 216 p.

QUEM SOMOS. Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas - CONAQ, 2023. Disponível em: <http://conaq.org.br/>. Acesso em: 29 de Mar. de 2023.

Rio Trombetas é paraíso isolado da pesca esportiva. Site G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/2020/12/18/rio-trombetase-paraíso-isolado-da-pesca-esportiva.ghtml>. Acesso em 30 de Mar. de 2023.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. São Paulo: Editora Saraiva, 2010.

PROMOÇÃO



APOIO

